

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

NOVEMBRO DE 1863

Nº 11

## União da Filosofia e do Espiritismo

Pelo Sr. M. Herrensneider – 2º artigo<sup>34</sup>

### O PRINCÍPIO DA DUALIDADE DA ESSÊNCIA DA ALMA E O SISTEMA ESPIRITUAL DO SR. COUSIN E DE SUA ESCOLA

No artigo anterior procuramos provar que se, em geral, os senhores livres-pensadores quisessem dar-se ao trabalho de examinar os motivos que lhes permitem afirmar-se, de dizer “eu”, chegariam ao conhecimento de sua dupla essência; convencer-se-iam de que sua alma é constituída de maneira a existir separadamente do corpo, tão bem quanto em seu envoltório, e compreenderiam a sua erraticidade quando, após a morte, ela tivesse deixado a sua matéria terrestre. De sorte que sua ciência, se fosse baseada sobre o verdadeiro princípio da constituição da alma, confirmaria os fatos espíritas, em vez de os contradizer com tanta persistência. Com efeito, nossa noção do *eu* compõe-se principalmente do sentimento e do conhecimento que temos de nós mesmos, e esses dois fenômenos íntimos, evidentes para todo o mundo, implicam peremptoriamente dois elementos distintos na

34 Vide a *Revista* de setembro de 1863.

alma: um passivo, sensível, extenso e sólido, que recebe as impressões; outro ativo, sem extensão e pensante, que os percebe. Em conseqüência, se possuímos, ao lado de um elemento virtual, um elemento resistente e permanente, diferente do nosso corpo, não podemos dissolver-nos pela morte; nossa imortalidade está provada e nossa preexistência é uma conseqüência natural. Nossos destinos, portanto, são independentes de nossa morada terrestre, e esta não passa de um episódio mais ou menos interessante para nós, conforme os acontecimentos que a enchem.

A dualidade da essência de nossa alma, de acordo com tais observações, é um princípio importante, pois nos instrui sobre a nossa existência real e imortal. Mas é um princípio tanto mais importante quanto é a fonte única em que haurimos a consciência certa de nossa individualidade, sendo assim a origem de nossa ciência, da qual não podemos duvidar, e sobre a qual repousa todo o resto dos nossos conhecimentos. Efetivamente, começamos todos por nos conhecer, antes de perceber o que nos rodeia; e medimos por nossa medida tudo o que examinamos e julgamos. Assim, é indispensável observar, para o estudo da verdade, que nosso saber parte de nós, para voltar a nós; que há um círculo formado por nós mesmos, que nos envolve e nos enlaça fraternalmente, mau grado nosso. Os filósofos atuais o ignoram e o sofrem sem se aperceberem. É ele que os ofusca, que os cega e os impede de olhar além e acima deles. Assim, teremos muitas oportunidades de constatar sua cegueira. Ao contrário, os Antigos conheciam esse círculo e sua influência misteriosa, pois simbolizavam a Ciência sob a figura de uma serpente mordendo a própria cauda, depois de ter-se dobrado sobre si mesma. Aos seus olhos isto significava que nosso saber parte de um ponto dado, faz a volta de nosso horizonte intelectual e retorna ao ponto de partida. Ora, se esse ponto de partida for elevado e o olhar for penetrante, o horizonte será largo e a ciência vasta; se, ao contrário, o solo for raso e a visão turva, o horizonte será restrito e limitada a inteligência das coisas. Desse modo, tais quais formos

pessoalmente, tal será o conjunto e o alcance dos nossos conhecimentos. Por este motivo torna-se evidente que a primeira condição da ciência individual é a de examinar-se a si mesmo, não só para distinguir suas qualidades, seus defeitos e seus vícios, mas, antes de tudo, para conhecer a constituição íntima do nosso ser e, depois, para elevar o nosso espírito e formar o nosso caráter.

Por conseguinte, a verdadeira ciência não é feita para cada um. Aquele que a aspira não só deve ter inteligência e instrução, mas, sobretudo, ser sério, sóbrio, prudente, e não se deixar levar pelo capricho da imaginação, por sua vaidade, seus interesses, sua suficiência. O que deve guiar o verdadeiro amante da verdade é um amor desinteressado por esse objetivo venerado; é a vontade enérgica e constante de jamais parar e de separar rigorosamente o joio do trigo. Quanto mais o homem possui, tanto mais é calmo e nobre e melhor saberá discernir as veredas que o conduzirão à verdade; quanto mais leviano, presunçoso ou apaixonado, tanto mais corromperá com seu hálito impuro os frutos que colherá na árvore da vida.

A primeira condição para chegar ao conhecimento das coisas é, pois, o caráter individual; é por esta razão que, na antiguidade, provas solenes precediam a toda iniciação. Hoje o saber é espalhado sem discernimento e cada um julga poder penetrá-lo; mas, também, mais que nunca a verdade é bem acolhida, enquanto as doutrinas mais estranhas encontram numerosos aderentes. Deveriam, pois, convencer-se de que os espíritos indiferentes, limitados pelas ciências exatas e naturais, levados pela imaginação, ou cheios de impertinência, são impróprios à pesquisa da verdade, e que seria mais prudente reservar esse nobre labor para alguns escolhidos. Entretanto, disposições mais sensatas hoje se manifestam *pelo advento do Espiritismo*; e, com efeito, os espíritas são homens bem-dispostos para a busca da verdade porque, separando-se do turbilhão geral que arrasta a sociedade, renunciaram por si mesmos às vaidades

mundanas, aos princípios superficiais dos livres-pensadores e à superstição oficial dos cultos reconhecidos. Dão prova de sadia independência, de um amor sincero da verdade e de uma tocante solicitude por seus interesses eternos. São estas as melhores disposições morais para abordar os graves problemas da alma, do mundo e da Divindade. Para nosso bem eterno, experimentemos entender-nos e seguir juntos as pegadas que nos conduzirão à via sagrada. Porque temos necessidade de nos ajudarmos reciprocamente para alcançar o objetivo que todos buscamos: o de nos esclarecer apenas sobre o que é real e durável.

Depois das disposições morais que acabamos de indicar, a coisa mais indispensável para bem se engajar na obra delicada da iniciação é o conhecimento do princípio da dualidade da essência da alma, porquanto é ele que constitui uma parte do misterioso segredo da Esfinge<sup>35</sup>. É uma das chaves da Ciência e, sem a possuir, tornam-se inúteis todos os esforços para o atingir. Por si só, esse princípio da essência da alma encerra, como conseqüências, as noções consideráveis que desejamos adquirir, enquanto todos os princípios secundários até hoje descobertos não se elevam bastante para dominar o vasto horizonte dos conhecimentos humanos e para lhes abraçar todos os detalhes. Os princípios inferiores afastam os que deles se servem no dédalo de numerosos fatos que não esclarecem; e é pela insuficiência de seus princípios primordiais que os filósofos se transviaram e se perderam nas sutilezas arbitrárias de suas doutrinas incompletas. Fatalmente levaram a confusão onde acreditavam tocar a verdade. Nessas matérias, mais delicadas que difíceis, só o princípio verdadeiro espalha a luz, resolve facilmente todos os problemas e abre as portas secretas que conduzem ao mais distante santuário. Ora, já sabemos que levamos conosco esse princípio e que, para o descobrir, basta que nos estudemos, com calma e imparcialidade.

35 O outro princípio é a dualidade do aspecto das coisas, que encontraremos mais tarde.

Sabemos que esse princípio é a dualidade de nossa essência anímica, de sorte que não nos resta senão desenrolar o fio cuidadosamente, do qual temos o nó mais importante. Não obstante, à medida que avançarmos em nosso estudo psicológico, consultaremos os trabalhos de nossos mais ilustres filósofos, a fim de reconhecer onde falharam e em que ponto suas doutrinas confirmam as nossas próprias pesquisas.

Assim, como observamos acima, parece evidente que tudo quanto em nós se prende à ordem sensível depende da substância de nossa alma, porque é o seu elemento extenso e sólido que recebe todas as impressões exteriores e que se ressent de nossa atividade interior. Com efeito, nossa alma não poderia ser tocada de uma maneira qualquer, sem que, primeiro, apresentasse um obstáculo às oscilações do meio ambiente e, em seguida, às vibrações das emoções que nos afetam intimamente. Portanto, é essa maneira de ser muito natural que explica as nossas relações com tudo o que existe, com o que não somos, com o nosso *não-eu* moral, intelectual e físico, visível ou invisível. A solidez e extensão de nossa substância não devem, em princípio, ser rejeitadas. Entretanto, não é essa opinião que reina na Universidade e no Instituto. O espiritualismo a nega como absurda, sob o pretexto especioso de que a divisibilidade, que seria a sua conseqüência, implicaria a corruptibilidade da substância. Mas isto não passa de um mal-entendido, pois o que importa à corruptibilidade da natureza anímica é a simplicidade química de sua fluidez corporal e não a sua indivisibilidade mecânica, em falta da qual há mil maneiras de remediar, ao passo que, para ficar na verdade científica, é preciso evitar a admissão de um efeito sem causa, uma impressão possível sem resistência. Assim, a sensibilidade de nossa alma nada ensina à nossa escola espiritualista; liga gratuitamente os sentimentos à razão, atribui as sensações ao organismo material e não dá explicações sobre a conexão dessas diversas faculdades. *Eis uma das causas de sua impotência filosófica.*

Quanto a nós, a sensibilidade de nossa alma é a prova irrecusável da solidez e da extensão de sua substância, e é a noção dessas propriedades que nos abre um vasto campo de observação. Assim, de início, a extensão e a solidez substancial permitem à nossa alma tomar diferentes formas e encerrar o tipo de todos os órgãos que constituem nosso organismo corporal. Serve, assim, de origem e sustentáculo aos nossos nervos, aos nossos sentidos, ao nosso cérebro, às nossas vísceras, aos nossos músculos e ossos, permitindo que nos encarnemos por meio desta lei da mutabilidade das moléculas corporais, tão conhecida de nossos modernos fisiologistas. Nossos cientistas supõem apenas, e erradamente, em nossa opinião, que essa lei seja efeito de uma força misteriosa da matéria, que se renova, se absorve, se escoia e se forma por si mesma, pois a matéria é inerte e nada forma por sua própria iniciativa. Evidentemente esta mutabilidade é efeito da atividade instintiva de nossa dupla essência anímica, que se acha sob o nosso envoltório. A existência desta lei prova que a nossa encarnação está na ordem da Natureza, visto ser contínua e, ao cabo de uma série de anos, nosso corpo se renova regularmente. A formação do nosso revestimento material, e a nossa encarnação sucessiva explicam-se, muito naturalmente, desta maneira. Mas, além disso, essa substancialidade extensa de nossa alma nos faz compreender igualmente o laço existente entre ela e o nosso corpo, porquanto, não passando o nosso organismo visível de cobertura do nosso organismo substancial, tudo quanto é sentido por um deve repercutir necessariamente no outro. As emoções da substância da alma devem abalar o corpo e o estado deste deve afetar, inevitavelmente, suas próprias disposições morais e intelectuais. *Eis o primeiro ensinamento resultante da natureza concreta de nossa substância.*

*O segundo ensinamento que daí retiramos é que a parte da substância de nossa alma, que não serve de tipo ao nosso organismo material, deve ser a base do nosso senso íntimo, daquele que recebe todas as nossas impressões morais e intelectuais, e que nos põe em contato com a própria substância divina, de sorte que*

nossa substância recebe as impressões da irradiação de todas as existências e de todas as atividades possíveis e se acha entre a origem primeira de todas as nossas noções. É da mesma maneira que recebemos o conhecimento de nós mesmos. Porque se perguntarmos a um céptico como pode afirmar-se, sem a menor reserva responderá: “É que eu me sinto”, pois o próprio céptico não pode duvidar de suas sensações. Entretanto, sentir-se não é todo o nosso conhecimento: o céptico também não pode negar que sabe que se sente. Ora, a percepção do nosso sentimento é consequência de nossa atividade intelectual, o que prova que nossa alma não só é passiva, mas, também, ativa, tem vontade, percebe, pensa e é livre por sua própria iniciativa. Nossos próprios órgãos funcionam sem que tenhamos consciência, de sorte que se é forçado a atribuir à nossa alma um segundo elemento, um elemento ativo, virtual, isto é, uma força essencial, que está atenta quando nossa sensibilidade está desperta e que, por efeito de seu próprio movimento, percebe, pensa e reflete por meio do nosso órgão cerebral, age auxiliada por nossos membros e anima nosso organismo com um movimento involuntário. É pela presença em nossa alma dessa dupla ordem essencial: da ordem substancial passiva e sensível, e da ordem virtual ativa e pensante, que nós sentimos, sabemos e temos consciência de nossa própria personalidade, sem nenhum auxílio do mundo exterior.

Nossa força anímica é o nosso elemento espiritual por excelência, porque não tem, por si mesma, nem extensão nem solidez; só nos é conhecida por sua atividade. Desde que não quer, nem pensa, nem age, é como se não existisse; e se nossa alma não fosse substancialmente concreta, pela virtude de um outro elemento, nosso corpo não teria consistência e não passaria de um amontoado de pó; nem mesmo poderia existir na erraticidade, pois se perderia no nada, a menos que se admitisse, com o espiritualismo, um mistério impenetrável, que lhe permitisse existir sem ter extensão nem solidez, suposição que o Espiritismo e as leis naturais tornam completamente inadmissível. Entretanto, é nossa

força essencial que Leibniz considera como sendo nossa substância, sem levar em conta a sua natureza fugidia; e a escola espiritualista francesa o repete, a seu exemplo, sem se deter nessa confusão ilógica. Todavia, não basta chamar força a uma substância para que esta realmente o seja, e considerar essa substância imaginária como sendo o fundo de nosso ser, para que se saia do vazio das abstrações. Uma substância não é tal senão por seu estado concreto, sua extensão e sua solidez, por mais sutil que a queiramos conceber e é o que nossa escola espiritualista se compraz em passar em silêncio. *Eis aí uma outra causa de sua impotência moral e filosófica.*

Nossa força essencial é o princípio de nossa atividade; ela nos anima, mas não nos constitui. É o princípio de nossa vida, mas não o de nossa existência. Está por toda parte em nossa substância, espalha-se com ela em todo o nosso ser e dele recebe diretamente as impressões, sem o nosso concurso voluntário. É por esta íntima união de nossos dois elementos essenciais que nosso organismo funciona espontaneamente; que nossas sensações despertam a seguir nossa atenção e nos levam, sem outro intermediário, a perceber a causa de nossas impressões; que nossa consciência é um conjunto de sentimentos e de reflexões e que toda noção, seja qual for o seu objeto, exige que o sintamos e o saibamos. Desde então somente nós estamos certos de sua existência. É por este mesmo processo que temos conhecimento do Ser Supremo. Temos a sensação de sua presença por nosso senso íntimo, e nos explicamos esta sensação sublime por nossa razão, porque o ideal do verdadeiro, do bem e do belo está, inicialmente, em nosso coração, antes de nos entrar na cabeça. Os povos selvagens nisto não se enganam; não duvidam de Deus; apenas o imaginam conforme o nível de sua grosseira inteligência, ao passo que vemos nossos cientistas a querelar sobre a sua personalidade, porque nada pretendem admitir, a não ser pela força de seu raciocínio, e porque se debatem em abstrações, sem ponto de apoio na ordem sensível.



Tal a constituição de nossa alma. Ela se compõe de dois elementos bem distintos entre si e, não obstante, indissoluvelmente unidos; porque jamais e em parte alguma esses elementos se encontraram separadamente: toda substância tem sua força e toda força tem sua substância. Assim, esta dualidade se acha reunida na essência de tudo o que existe; está na matéria, na alma, em Deus. Nós o repetimos: esta distinção na unidade é necessariamente admissível, porque cada um desses elementos está bem caracterizado; porque têm suas propriedades respectivas e sua modalidade categórica; e porque é uma lei universal que um mesmo princípio não pode ter efeitos contrários, que qualidades que se excluem revelam outros tantos princípios particulares. Mas sua unidade não é menos peremptória, porque nenhuma função, nenhuma faculdade, nenhum fenômeno se produz em nós e alhures sem o concurso simultâneo desses dois elementos irreduzíveis.

É esta unidade na dualidade constante de nossa alma que nos explica ainda esse fenômeno psicológico importante, a saber: a espontaneidade instintiva de todas as nossas faculdades e de todas as nossas funções, assim como a formação do nosso caráter e da nossa natureza moral íntima. Efetivamente, nossas impressões se nos conservam e se reproduzem involuntariamente, de sorte que, como a substância é o elemento passivo e permanente de nossa alma, é preciso que se lhe atribua a propriedade de conservar as nossas sensações, de concretizá-las em si e de transmiti-las à atenção de nossa força essencial. Sendo essas impressões de toda espécie, forma-se em nós, por esta propriedade conservadora, uma ordem moral, intelectual e prática permanente, que se manifesta por nossa atividade instintiva e espontânea, que nos inspira os sentimentos e as idéias e guia os nossos atos sem o nosso concurso voluntário e, muitas vezes, à nossa revelia. Além disso, esses sentimentos e essas idéias adquiridas se agrupam em nossa alma e nos produzem novas idéias e novas imagens, que estávamos longe de esperar. As funções psicológicas de nossa

substância, unida à nossa força essencial, são, assim, multiplicadas e nos formam uma natureza moral, intelectual e prática espontânea, que é o fundo do nosso caráter, a origem de nossas disposições naturais. Desse modo, a nossa substância encerra, em estado latente, ou em potencial, como se exprime a escola, todas as nossas qualidades, todos os nossos conhecimentos, todos os nossos hábitos passados em estado permanente. Em consequência, a ela e à sua atividade instintiva é que se deve atribuir a memória, a imaginação, o espírito e os sentidos naturais, bem como a origem de nossas idéias e sentimentos.

Esta ordem substancial instintiva existe incontestavelmente em nossa alma. Cada um se reconhece uma natureza moral permanente, disposições intelectuais e hábitos próprios, que lhe facilitam a carreira e a conduta, se forem bons; ou que impede o sucesso e o arrasta em desvios deploráveis, se forem maus. Só os nossos filósofos não percebem, porque, não admitindo, como já fizemos notar, uma ordem psicológica substancial, condenam-se a atribuir tudo o que é resistente em nossa alma à influência da matéria, e a confundir tudo o que é sensível e vivo com a nossa inteligência. É verdade que Aristóteles reconhecia no homem uma ordem potencial, onde todas as nossas qualidades estão em potencial; mas o define mal e também a confunde com a matéria. Desde então, ninguém mais se ocupou dessa ordem especial, a não ser o Sr. Cousin. Mas este filósofo contemporâneo, não reconhecendo na alma senão a inteligência, só considerou a atividade espontânea, sem lhe buscar a origem no elemento permanente da nossa natureza anímica. Ele a designa como sendo a razão espontânea e instintiva, em oposição à razão refletida, sem se dar conta da contradição existente entre o instinto e a reflexão, qualidades que se excluem e que, evidentemente, não podem pertencer ao mesmo princípio! É por isso que o Sr. Cousin tira apenas consequências limitadas desta descoberta, razão pela qual a sua psicologia, como a sua escola, tornou-se uma ciência árida, ilógica e sem grande alcance.

Detenhamos agora o pensamento sobre o conjunto de observações que precedem, pois elas nos fizeram conhecer fenômenos psicológicos até hoje desconhecidos. Elas nos fizeram constatar em nossa alma a existência de duas ordens morais, intelectuais e práticas bem distintas e fortemente caracterizadas: uma se reportando perfeitamente às propriedades particulares de nossa substância, que são a permanência, a extensão e a solidez; a outra, as de nossa força essencial, que são a sua causalidade, sua inextensão e sua intermitência. A primeira é passiva, sensível, conservadora; a segunda é ativa, voluntária e refletida. A união íntima dos nossos dois elementos essenciais produz em nós, além disso, nossa tríplice atividade instintiva, que é o reflexo direto do estado verdadeiro de nossas qualidades e de nossos defeitos naturais.

Com efeito, de um lado, quanto mais sensível, delicada e conservadora for a nossa natureza substancial, e mais viva e enérgica a nossa atividade instintiva, tanto mais puros e elevados serão nossas idéias e sentimentos, justo o nosso bom-senso e fáceis e seguras a nossa memória e a nossa imaginação. Ao contrário, quanto menos aperfeiçoado for o nosso estado substancial, mais lentas e limitadas serão a nossa memória e a nossa imaginação, mais grosseiras as nossas idéias, mais vis os nossos sentimentos e mais obtuso o nosso senso comum. Mas, por outro lado, quanto mais enérgica, constante e flexível a nossa força causadora, mais fortes serão a nossa atenção, a nossa vontade, a nossa virtude e o nosso domínio sobre nós mesmos, mais alcance terão a nossa percepção, o nosso pensamento, o nosso juízo e a nossa razão e, enfim, maior a nossa habilidade e mais honrosa a nossa conduta, porque todas essas qualidades e faculdades derivam de nosso elemento virtual. Ao contrário, quanto mais mole, entorpecida ou rígida a nossa força essencial, tanto mais a nossa brutalidade e a nossa covardia moral e intelectual se manifestarão em plena luz. Desse modo, o nosso valor tanto depende do estado das qualidades e das propriedades de um, quanto do outro elemento de nossa alma.

Tal o quadro sumário que apresenta a constituição íntima de nossa essência anímica, e que nos revela a nossa dupla faculdade de nos sentir e de nos saber. Esse quadro no-la mostra, para começar, em sua unidade viva, pois descobrimos o duplo princípio de sua atividade e de sua passividade, de sua permanência e de sua causalidade, de sua existência no tempo e no espaço, e de sua independência própria e distinta de Deus, do mundo e de seu envoltório material. Ele no-la mostra depois na sua diversidade maravilhosa, pois reconhecemos a origem de suas qualidades e de suas faculdades, de suas funções e de seu organismo, nas propriedades respectivas de nossos elementos essenciais e em seu concurso recíproco. Entretanto, este quadro não passa de um primeiro esboço e, contudo, fácil é nele notar o método de observação rigorosa que seguimos e que é o mesmo que Bacon descobriu, que Descartes introduziu na psicologia, que a escola escocesa aplicou e que a escola espiritualista e eclética observou em toda a sua doutrina. Encontramo-nos, pois, no mesmo terreno que o de toda filosofia séria e, se muitas vezes estamos em desacordo com as nossas celebridades acadêmicas, é que não podemos deixar de crer que a maioria dos fatos de consciência foi por elas mal observados e mal explicados.

Com efeito, o ecletismo espiritualista nos reconhece três faculdades principais: a vontade, a sensação e a razão. Estas faculdades se distinguem do nosso corpo, que é sólido e extenso, de modo que possuímos, necessariamente, uma alma inextensa e espiritual. Feita esta consideração, o ecletismo não pergunta como a nossa alma deve ser constituída para ser sensível, nem se a vontade e a razão, que são ambas ativas, não são duas manifestações de um mesmo princípio virtual. São perguntas que não o inquietam. Ele apenas sustenta que, dessas três faculdades, só a vontade de fato nos pertence, pois só ela é o resultado de uma força substancial inextensa, que é o princípio primordial do nosso *eu*. Aos seus olhos, a sensibilidade não passa de efeito do choque resultante da ação que a força do mundo exterior exerce sobre a

nossa, por meio do nosso organismo. Mas, também, o ecletismo não pesquisa como a nossa força inextensa se liga ao nosso organismo, nem como, nesse isolamento inextenso, ela pode receber o choque, assim como não explica como podemos ser sensíveis. São pequenos mistérios que não poderiam detê-lo.

A razão, conforme o Sr. Cousin, é a faculdade soberana do conhecimento, mas é impessoal, isto é, não nos pertence, embora dela nos sirvamos. Dizer *minha* razão, segundo ele, é uma insensatez, pela mesma razão por que não se diz *minha* verdade. Tal motivo não nos parece muito concludente, mas, provavelmente, a falta é nossa. Com efeito, em seu sistema, a razão é o conjunto das verdades necessárias e universais, tais como os princípios da causalidade, da substância, da unidade, do verdadeiro, etc. A coleção destes princípios forma, pois, segundo ele, a razão divina, da qual participamos pela vontade infável do Todo-Poderoso. Mas é aí que se deve crer sob palavra, pois não vimos precisamente como uma coleção de verdades, por mais universais que sejam, poderia constituir a razão divina e humana. Vulgarmente as verdades são leis e a razão é uma faculdade. Ora, eu vejo o Sol, mas jamais a faculdade de ver foi tomada pelo Sol, nem pelo menor de seus raios. Eis, pois, aí um novo mistério, a juntar aos precedentes; de sorte que, nessa doutrina, nada se explica por si, nada se liga e nossa alma aí só é representada como um conjunto heterogêneo de faculdades, de qualidades, de funções distintas, ligadas ao acaso, como folhas esparsas que tivessem sido reunidas num volume, sob o título pomposo de *Doutrina filosófica do século XIX*. O segundo prefácio da terceira edição dos *Fragments filosóficos* lhe trazem um resumo, interessante sob vários aspectos.

De acordo com estas considerações, podem julgar-se as causas que fazem da filosofia espiritualista oficial, apesar de suas boas intenções, uma doutrina bizarra e indigesta. Estaríamos mesmo autorizados a tratá-la mais duramente, se se perdessem de vista os eminentes serviços que ela prestou ao espírito francês,

desviando-o de um sensualismo imoral e de um cepticismo desesperador. Aí estavam, evidentemente, as principais preocupações do ilustre filósofo no começo de sua brilhante carreira; e, estudando suas obras notáveis, vê-se que Condillac e Kant foram seus principais adversários. Assim, esta luta é a parte mais importante de seus trabalhos. Ao contrário, seu próprio sistema nos parece muito defeituoso e sua moral, sua teodicéia e sua ontologia contêm numerosos pontos muito controvertidos. A verdade é uma flor tão delicada! o menor sopro do erro a emurchece em nossas mãos e a reduz a um pó pernicioso e ofuscante. É, sobretudo, no calor do combate ou na emoção da ambição que se torna difícil conservar a calma de espírito e a delicadeza do sentimento de evidência, de modo que o homem preocupado é facilmente arrastado a ultrapassar os limites da verdadeira sabedoria. Felizmente o Criador nos reservou fatos, circunstâncias, acontecimentos providenciais, bastante chocantes para nos reconduzir ao bom caminho. E, certamente, *as doutrinas e os fatos sobre os quais se funda o Espiritismo* estão neste número. Que os nossos grandes e sábios filósofos não o repilam sob o fútil pretexto de superstição. Que os estudem sem prevenção! Neles reconhecerão a natureza extensa e sólida de nossa alma, sua preexistência e sua perpetuidade. Nele encontrarão uma moral suave e salutar, apropriada a reconduzir todo o mundo ao bem. Se, então, seu espírito pedir para dele se dar conta, que se atirem francamente à obra, que examinem cientificamente os seus princípios e conseqüências. E, então, talvez *o princípio da dualidade da essência da alma* lhes apareça em todo o seu esplendor e em toda a sua força, porque, parece-nos, ele lança uma viva luz sobre os segredos íntimos do nosso ser. É o que continuaremos a examinar dentro de pouco tempo.

F. Herrensneider

## Pastoral do Sr. bispo de Argel contra o Espiritismo

Em data de 18 de agosto último, o Sr. bispo de Argel publicou uma brochura dirigida aos senhores curas de sua diocese, sob o título de *Carta circular e pastoral sobre a superstição dita Espiritismo*. Citamos as passagens seguintes, acompanhadas de algumas observações.

“...Tínhamos pensado em adicionar modesta página a esses luminosos anais, exprobrando, das alturas do bom-senso e da fé, como o merece ser, o *Espiritismo*, que, tirado da mais velha e mais grosseira idolatria, vem abater-se sobre a Argélia. Pobre colônia! Após tão cruéis provas, ainda lhe era necessária uma deste gênero!”

Pobre colônia! com efeito, não seria ela muito mais próspera se, em vez de tolerarem e protegerem a religião dos nativos, houvessem transformado suas mesquitas e sinagogas em igrejas e não tivessem detido o zelo do proselitismo? É verdade que a guerra santa, guerra de extermínio como a das cruzadas, duraria ainda; que centenas de milhares de soldados teriam perecido; que, talvez, tivéssemos sido forçados a abandoná-la. Mas que é isto quando se trata do triunfo da fé! Ora, eis aqui um outro flagelo – o Espiritismo – que, em nome do Evangelho vem proclamar a fraternidade entre os diferentes cultos e cimentar a união, inscrevendo em sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*.

“Mas considerações diversas, senhor cura, nos detiveram até hoje. A princípio hesitávamos em revelar esta vergonha nova, que se vem somar a tantas misérias, exploradas com amarga ironia pelos inimigos de nossa cara e nobre Argélia. Por outro lado, sabemos que o *Espiritismo* quase não penetrou entre nós senão em certas cidades, onde os desocupados se contam em maior número; onde a curiosidade, incessantemente excitada, se repasta avidamente de tudo quanto se apresenta com caráter de novidade; onde a necessidade de brilhar e de se distinguir da multidão nem sempre é estranha, mesmo a inteligências de maior ou menor alcance, ao passo que o maior número de nossas pequenas cidades e do nosso campo o ignoram e, por certo, nada têm a perder com isto, até o nome bizarro e pretensioso de *Espiritismo*. Enfim, pensamos que tais

práticas jamais são destinadas a uma vida longa, porque a desilusão logo vem para os escândalos da imaginação, que morrem quase sempre de sua própria vergonha. Assim aconteceu com as trapalhices de Cagliostro e de Mesmer; assim se acalmou o furor das mesas girantes, sem deixar na retaguarda senão o ridículo de seus arrastamentos e de suas lembranças.”

Se o próprio nome do Espiritismo é desconhecido na maioria das pequenas cidades e nos campos da Argélia, a carta-circular do Sr. bispo de Argel, espalhada em profusão, é um excelente meio de torná-lo conhecido, excitando a curiosidade que, por certo, não será detida pelo temor do diabo. Tal foi o efeito, bem comprovado, de todos os sermões pregados contra o Espiritismo que, de notória publicidade, contribuíram poderosamente para multiplicar os adeptos. A circular do Sr. bispo de Argel terá efeito contrário? é mais que duvidoso. Lembramo-nos sempre desta palavra profética, tão bem realizada, de um Espírito a quem perguntávamos, há dois anos, por que meio o Espiritismo penetraria nos campos; ele nos respondeu: “Pelos padres. – Voluntária ou involuntariamente? – A princípio involuntariamente; mais tarde, voluntariamente.”

Lembramos ainda, quando da nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, que os espíritas ali eram apenas algumas centenas. Naquele mesmo ano um sermão virulento foi pregado contra eles e nos escreveram: “Mais dois ou três sermões como este e logo seremos decuplicados.” Ora, como todos sabem, os sermões não têm faltado naquela cidade; e o que todos sabem, também, é que no ano seguinte havia cinco ou seis mil espíritas, contando-se mais de trinta mil deles dois anos mais tarde. Pobre cidade de Lyon! O que se sabe ainda é que a maioria dos adeptos se encontra entre os operários, que hauriram nesta doutrina a força para suportar pacientemente as rudes provas que atravessavam, sem buscar na violência e na espoliação o necessário que lhes faltava; é que hoje oram e crêem na justiça de Deus, já que não crêem na dos homens; é que compreendem a palavra de Jesus: “Meu reino não é deste mundo.” Dizei por que, com a vossa doutrina das penas eternas,



que preconizais como um freio indispensável, jamais contivestes qualquer excesso, ao passo que a máxima “Fora da caridade não há salvação” é onipotente! Queira Deus que jamais tenhais necessidade de vos colocardes sob sua égide! Mas se Deus ainda vos reservar dias nefastos, lembrai-vos de que aqueles mesmos a quem recusastes o pão da esmola, porque eram espíritas, serão os primeiros a partir convosco o seu pedaço de pão, porque compreendem esta palavra: “Perdoai aos vossos inimigos e fazei o bem aos que vos perseguem.”

Mas, então, que tem o Espiritismo de tão temível, uma vez que só se ocupa dos desocupados de algumas cidades? Desde que tais práticas jamais estão destinadas a uma vida muito longa? já que deve ter a sorte das trapalhices de Cagliostro, de Mesmer e das mesas girantes? Pelo que respeita a Cagliostro, é preciso deixá-lo fora da questão, considerando-se que o Espiritismo sempre lhe recusou qualquer solidariedade, mau grado a persistência de alguns adversários para vincular o seu ao nome do Espiritismo, como fazem com todos os charlatães e prestidigitadores. Quanto a Mesmer, é preciso estar muito pouco informado do que se passa para ignorar que o magnetismo está mais espalhado do que nunca, e que é hoje professado por notabilidades científicas. É verdade que agora pouco se ocupam das mesas girantes, mas é preciso convir que fizeram um belo caminho, pois foram o ponto de partida desta terrível doutrina, que causa tanta insônia a esses senhores. Elas foram o á-bê-cê do Espiritismo; se, pois, delas não mais se ocupam, é que não se precisa soletrar quando se sabe ler. Elas cresceram de tal maneira que não mais as reconhecereis.

Depois de ter falado de sua viagem à França, que alcançou pleno sucesso, acrescenta o Sr. bispo de Argel:

“Nossa primeira e incessante ocupação ao voltar era publicar uma instrução pastoral contra a superstição em geral e, em particular, contra a do *Espiritismo*, pois o *Evangelho segundo Renan* só nos entreteve durante oito dias.”

Convenhamos que se trata de singular confissão. A obra do Sr. Renan, que mina o edifício por sua base, e que teve tão grande repercussão, não preocupou Sua Eminência senão durante oito dias, ao passo que o Espiritismo absorve toda a sua atenção. Diz ele: “Chego a toda pressa e, embora acabrunhado das fadigas de uma longa viagem sem repouso, estou sempre pronto para o combate. Temos um novo e rude adversário no Sr. Renan, mas este pouco nos inquieta; marchemos direto contra o Espiritismo, pois é assunto mais urgente.” É uma grande honra para o Espiritismo, pois é reconhecer que é muito mais temível e não o pode ser senão com a condição de ser lógico. Se não tivesse nenhuma base séria, como o pretende o Sr. bispo, para que serviria esse aparato de forças? Já se viu dar tiros de canhão numa mosca que voa? Quanto mais violentos os meios de ataque, tanto mais exaltada é a sua importância. Eis por que não nos lastimamos.

“Soubemos, e não duvidamos, que verdadeiros cristãos, católicos sinceros imaginam poder associar Jesus-Cristo e Belial, os mandamentos da Igreja com os processos do Espiritismo.”

É um pouco tarde para vos aperceberdes, pois há três anos que o Espiritismo foi implantado e prospera na Argélia, onde não vai mal. Aliás, a brochura do Sr. Leblanc de Prébois, publicada em nome e para a defesa da Igreja, deve ter-vos informado que, segundo seus cálculos, hoje há na França vinte milhões de espíritas, isto é, a metade da população, e que em pouco tempo a outra metade será ganha. Ora, a Argélia faz parte da França<sup>36</sup>.

Diz a circular, dirigindo-se aos curas da diocese:

“Caso se encontrem espíritas em suas paróquias, independentemente da condição de cada um, geralmente incrédulos, mulheres vaidosas, cabeças vazias, formando sempre o grosso dos cortejos supersticiosos, que o padre não vacile em lhes declarar que não há nenhuma transação possível entre o catolicismo e o Espiritismo; que, em suas experiências, *não pode haver senão uma destas três coisas*: astúcia da parte de uns, alucinação da parte de outros ou, o que é pior, uma intervenção diabólica.”

36 N. do T.: A Argélia deixou de ser colônia francesa em 1961.

Se não há transação possível, pior para o catolicismo do que para o Espiritismo, porque este ganha terreno diariamente, façam o que fizerem para o deter; e o que fará o catolicismo quando se realizar a previsão do Sr. Leblanc de Prébois? Se ele põe todos os espíritas à porta da Igreja, quem ficará lá dentro? Mas esta não é questão para o momento, que virá a seu tempo e lugar. O último trecho da frase tem grande alcance da parte de um homem como o bispo de Argel, que deve pesar o sentido de todas as suas palavras. Segundo ele, não há no Espiritismo senão uma destas três coisas: astúcia, alucinação ou, o que é pior, intervenção diabólica. Notai bem que não são as três coisas juntas, mas somente uma das três é possível. O prelado não parece estar certo de qual, pois a intervenção diabólica não passa da pior. Ora, se é astúcia e alucinação, não é nada de sério, e não há intervenção do diabo; se é obra do demônio, é algo de positivo e, desse modo, não há astúcia nem alucinação. Na primeira hipótese é preciso convir que fazer tanto barulho por uma simples trapaça ou uma ilusão é bater-se contra moinhos de vento, papel pouco digno da gravidade da Igreja; no segundo é reconhecer ao diabo um poder maior que o da Igreja, ou à Igreja uma imensa fraqueza, já que não pode impedir o diabo de agir, como nem ela mesma pôde, apesar de todos os exorcismos, dele livrar os possessos de Morzine.

“Nós lá estávamos, senhor cura, em nosso labor apostólico, quando recebemos numerosos artigos de jornais, brochuras, livros, e principalmente um discurso (o do Pe. Nampon), no qual, salvo as idéias gerais, encontramos a exposição muito clara de tudo quanto íamos dizer a seguir, a propósito do Espiritismo. Como não gostamos de refazer, sem necessidade, o que julgamos bem feito, nós vos exortamos a adquirir algumas destas obras e, pelo menos, um exemplar desse discurso, que vos esclarecerá suficientemente quanto aos processos, a doutrina e as conseqüências do Espiritismo.”

Estamos muito contentes por saber que a obra do Pe. Nampon é julgada pelos príncipes dos padres uma obra bem feita, de tal modo que, depois dela, não há nada melhor a fazer. É uma tranqüilidade para os espíritas saber que o reverendo padre esgotou

todos os argumentos e que nada pode ser acrescentado. Ora, como esses argumentos, longe de deter o avanço do Espiritismo, lhe recrutaram partidários, cabe aos seus antagonistas mostrar-se satisfeitos com tão pouco. Quanto a *esclarecer suficientemente* os senhores curas sobre a doutrina, não pensamos que textos alterados e truncados, dos quais o padre Nampon usou e abusou, como o demonstramos (*Revista* de junho de 1863), sejam apropriados a dar do Espiritismo uma idéia muito justa. É preciso faltar boas razões para usar semelhantes meios, que desacreditam a causa de quem deles se serve.

“Antes de tudo, não seria deplorável reencontrar na Argélia cristãos sérios que hesitassem em se pronunciar energeticamente contra o Espiritismo? uns sob o pretexto de que há nele algo de verdadeiro? outros porque viram materialistas obstinados voltar à crença na outra vida, através do Espiritismo? *Ilógica ingenuidade de ambos os lados!*”

Assim, nada representa levar à crença em Deus e na vida futura os *materialistas obstinados*; mesmo assim o Espiritismo não deixa de ser uma coisa má. Jesus, no entanto, disse que uma árvore má não pode dar bons frutos. Será, pois, um mau fruto dar a fé quem não a tem? Desde que não pudestes reconduzir esses incrédulos obstinados e o Espiritismo o conseguiu, qual a melhor das duas árvores? É evidente que sem o Espiritismo esses materialistas obstinados teriam continuado materialistas; e desde que o Sr. bispo quer a todo o vapor destruir o Espiritismo, que reconduz as almas a Deus, é que aos seus olhos é preferível que essas almas, que não foram reconduzidas pela Igreja, morram na incredulidade. Isto nos lembra aquelas palavras pronunciadas do púlpito de uma pequena cidade: “Prefiro que os incrédulos fiquem fora da Igreja a nela entrarem pelo Espiritismo.” De modo algum são palavras do Cristo, que disse: “Misericórdia quero, e não sacrifício.” E estas outras, pronunciadas alhures: “Prefiro ver os operários saindo embriagados do cabaré do que sabê-los espíritas.” Isto é demência. Não nos surpreenderíamos se um acesso de fúria contra o Espiritismo produzisse uma verdadeira loucura.

“Se, mau grado a voz da consciência, homens educados nos princípios do Cristianismo e, infelizmente, os tendo esquecido, negado de coração e combatido em seus livros, tentassem condescender com esses princípios, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno completamente diferentes da imortalidade da alma, do purgatório e do inferno dos Evangelhos, e ganhassem, pelo Espiritismo, algo para a fé e para salvação, que cristão poderia acreditar, desde que apenas puseram no lugar as mais sacrílegas blasfêmias da crença?”

Em que o purgatório dos espíritas difere do dos Evangelhos, já que os Evangelhos nada dizem sobre ele? Dele falam tão pouco que os protestantes, que seguem a letra do Evangelho, não o admitem. Quanto ao inferno, o Evangelho está longe de haver colocado as caldeiras ferventes que nele coloca o catolicismo e de ter dito, como nos ensinaram na infância, e como pregaram há três ou quatro anos em Montpellier, que “os anjos retiram as tampas dessas caldeiras para que os eleitos se regozijem com a visão dos sofrimentos dos danados.” Eis um lado singular da beatitude dos bem-aventurados; não sabíamos que Jesus houvesse dito uma palavra a respeito. O Espiritismo, é verdade, não admite tais coisas; se isto é motivo de reprovação, que, então, seja reprovado!

“Far-lhes-eis compreender, igualmente, que o Espiritismo é a restauração das teorias pagãs, caídas no desprezo dos sábios, antes mesmo do aparecimento do Evangelho; que, introduzindo a *metempsicose*, ou transmigração das almas, ele mata a individualidade pessoal e reduz a nada a responsabilidade moral; que, destruindo a idéia do purgatório e do inferno eternamente pessoal, abre caminho a todas as desordens, a todas as imoralidades.”

Se algo foi tomado às teorias pagãs, certamente foi o quadro das torturas do inferno. Aliás, não vemos claramente como, depois de haver admitido um purgatório qualquer, neguemos a idéia do purgatório. Quanto à metempsicose dos Antigos, longe de a ter introduzido, o Espiritismo a tem combatido sempre, demonstrando-lhe a impossibilidade. Quando, pois, cessarão de fazer o Espiritismo dizer o contrário do que diz? A pluralidade das

existências, que ele admite, não como um sistema, mas como uma lei da Natureza provada pelos fatos, daquela difere essencialmente. Ora, contra uma lei da Natureza, que é necessariamente obra de Deus, não há sistema que possa prevalecer, nem anátemas que a possam anular, assim como não anularam o movimento da Terra e os períodos da criação. A pluralidade das existências, o renascimento, se se quiser, é uma condição inerente à natureza humana, como a de dormir, e necessária ao progresso da alma. É sempre lamentável quando uma religião se obstina em ficar na retaguarda dos conhecimentos adquiridos, porque chega o momento em que, ultrapassada pela onda irresistível das idéias, ela perde o seu crédito e a sua influência sobre todos os homens instruídos. Julgar-se comprometida pelas idéias novas é confessar a fragilidade de seu ponto de apoio; é pior ainda quando se alarma diante do que chama uma utopia. É uma coisa curiosa, realmente, ver os adversários do Espiritismo esgrimindo para dizer que é um sonho vazio, sem alcance e sem vitalidade, e incessantemente gritar fogo!

Segundo a máxima: “Reconhece-se a qualidade da árvore pelo seu fruto”, a melhor maneira de julgar as coisas é estudar os seus efeitos. Se, pois, como pretendem, a negação do inferno eternamente pessoal abre caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades, segue-se que: 1<sup>o</sup> – a crença nesse inferno abre caminho a todas as virtudes; 2<sup>o</sup> – quem quer que se entregue a atos imorais não teme as penas eternas, e se não as teme é porque nelas não crê. Ora, quem deve nele crer melhor do que os que as ensinam? quem deve estar penetrado desse medo, impressionado pelo quadro dos tormentos sem fim, mais do que os que, noite e dia, são embalados nesta crença? Onde esta crença e este medo deveriam estar em toda a sua força? onde deveria haver mais moderação e moralidade, senão no próprio seio da catolicidade? Se todos os que professam esse dogma e dele fazem uma condição de salvação estivessem isentos de reproches, certamente suas palavras teriam mais peso; mas quando se vêem tão escandalosas desordens entre os mesmos que pregam o medo do inferno, forçoso é

concluir que não acreditam no que pregam. Como esperam convencer os que se inclinam à dúvida? Matam o dogma por seu próprio exagero e por seu exemplo. A julgar por seus frutos, o dogma das penas eternas não os dá bons, prova de que a árvore é má; e entre esses maus frutos é preciso colocar o imenso número de incrédulos que ele faz diariamente. A Igreja nele se agarra como numa corda de salvação, mas a corda está tão gasta, que em breve deixará o barco à deriva. Se alguma vez a Igreja periclitar, será pelo absolutismo de seus dogmas do inferno, das penas eternas e da supremacia que ela confere ao diabo neste mundo. Se não se pode ser católico sem acreditar nesse inferno e na danação eterna, forçoso é reconhecer, a partir de hoje, que o número dos verdadeiros católicos está singularmente reduzido, e que mais de um Pai da Igreja pode ser considerado como manchado de heresia.

“Não será inútil acrescentar, senhor cura, que a paz das famílias é gravemente perturbada pela prática do Espiritismo; que um grande número de cabeças por ele já perderam o senso e que as casas de alienados da América, Inglaterra e França regurgitam, desde já, por suas numerosas vítimas, de tal sorte que se o Espiritismo propagasse suas conquistas, seria necessário mudar o nome de sanatório para hospício.”

Se o Sr. bispo de Argel tivesse colhido seus ensinamentos alhures, e não em fontes interessadas, teria sabido o que são esses supostos loucos e não se teria rendido ao eco de uma história inventada pela má-fé, em que o ridículo ressalta do próprio exagero. Um primeiro jornal falou de quatro casos, que teriam sido constatados num hospício; outro jornal, citando o primeiro, elevou a cifra para quarenta; um terceiro, citando o segundo, elevou-a para quatrocentos e acrescenta que vão ampliar o hospício. Todos os jornais hostis repetem até não mais poder esta história. Depois o Sr. bispo de Argel, movido pelo zelo, retomando-a em sua base, a aumenta ainda mais, dizendo que as casas de alienados da França, Inglaterra e América *regurgitam* de vítimas da nova doutrina. Coisa curiosa! ele cita a Inglaterra, um dos países onde o Espiritismo é menos espalhado e onde certamente há menos adeptos do que na Itália, na Espanha e na Rússia.

Que uma brochura efêmera e sem importância, que um jornal pouco exigente quanto às fontes noticiosas que publica, adiantem um fato arriscado por necessidade de ofício, nada é de admirar, embora seja imoral; mas um documento episcopal, com caráter oficial, só deveria conter coisas de uma autenticidade de tal modo comprovada, que deveria escapar até à suspeita de inexatidão, ainda que involuntária.

Quanto à paz das famílias perturbadas pela prática do Espiritismo, não conhecemos senão aqueles casos em que mulheres, ludibriadas por seus confessores, foram instigadas a abandonar o lar para se subtraírem às influências demoníacas trazidas por seus maridos espíritas. Em contrapartida, numerosos são os exemplos de famílias outrora separadas, cujos membros se reconciliaram depois dos conselhos de seus Espíritos protetores e sob a influência da doutrina que, a exemplo de Jesus, prega a união, a concórdia, a doçura, a tolerância, o esquecimento das injúrias, a indulgência para com as imperfeições alheias e restabelece a paz onde reinava a cizânia. Ainda aqui é o caso de dizer que se julga a qualidade da árvore pelo seu fruto. É um fato confirmado que, quando há divisão das famílias, a cisão parte sempre do lado da intolerância religiosa.

A carta pastoral termina pela seguinte ordenação:

“Por estas razões, e invocado o Espírito Santo, prescrevemos e ordenamos o que se segue:

“Art. 1<sup>o</sup> – A prática do Espiritismo ou a invocação dos mortos é proibida a todos e a cada um na diocese de Argel;

“Art. 2<sup>o</sup> – Os confessores recusarão a absolvição a quem quer que não renuncie a toda participação, seja como médium, seja como adepto, seja como simples testemunha às sessões privadas ou públicas, ou, enfim, a uma operação qualquer do Espiritismo;

“Art. 3<sup>o</sup> – Em todas as cidades da Argélia e nas paróquias rurais onde o Espiritismo se introduziu com algum brilho, os senhores curas lerão



publicamente esta epístola do púlpito, no primeiro domingo após o seu recebimento. Aliás, por toda parte ela será comunicada em particular, conforme as necessidades.

“Argel, 18 de agosto de 1863.”

É a primeira ordenação lançada com vistas a interditar oficialmente o Espiritismo numa localidade. É de 18 de agosto de 1863. Esta data marcará nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1860<sup>37</sup>, dia para sempre memorável do auto-de-fé de Barcelona, ordenado pelo bispo dessa cidade. Como os ataques, as críticas e os sermões nada produziram de satisfatório, quiseram dar um golpe pela excomunhão oficial. Vejamos se o objetivo será mais bem atingido.

Pelo primeiro artigo, a ordenação é dirigida *a todos e a cada um* na diocese de Argel, isto é, a proibição de ocupar-se do Espiritismo é feita a todos os indivíduos sem exceção. Mas a população não se compõe apenas de católicos fervorosos; sem falar dos judeus, protestantes e muçulmanos, ela compreende todos os materialistas, panteístas, incrédulos, livres-pensadores, doutores e indiferentes, cujo número é incalculável; figuram no contingente nominal do catolicismo, porque nascidos e batizados nessa religião, mas, na realidade, eles mesmos abandonaram a Igreja; neste numero o Sr. Renan e tantos outros figuram na população católica. Assim, a ordenação não alcança todos os indivíduos, mas somente os que observam a mais estrita ortodoxia. Dar-se-á o mesmo em toda parte onde for feita semelhante proibição. Sendo, pois, materialmente impossível que uma interdição dessa natureza, venha de onde vier, atinja a população inteira, para um que for afastado do Espiritismo, haverá cem que dele continuarão se ocupando.

Depois põem de lado os Espíritos que vêm sem ser chamados, mesmo junto àqueles proibidos de os receber; que falam aos que não os querem ouvir; que passam através das paredes

37 **N. do T.:** O auto-de-fé de Barcelona ocorreu em 9 de outubro de 1861.

quando se lhes fecha a porta. Aí está a maior dificuldade, para a qual falta um artigo na ordenação acima. Esta diz respeito apenas aos católicos fervorosos. Ora, já o repetimos várias vezes, o Espiritismo vem dar fé aos que em nada crêem ou que estão em dúvida. Aos que têm uma fé inabalável e aos quais esta é suficiente, ele diz: “Guardai-a e procurai não vos afastar dela.” Nunca diz a alguém: “Deixai a vossa crença para vir a mim”, pois tem bastante a colher no campo dos incrédulos. Assim, a proibição não pode atingir aos que se dirigem ao Espiritismo e só alcança aqueles a quem ele não se dirige. Como disse Jesus, “não são os sadios que necessitam de médico.” Se estes últimos vêm a ele, sem que o Espiritismo os busque, é que neste encontram consolações e certezas que não encontraram em parte alguma; neste caso, não levarão em conta a proibição.

Eis quase três meses que foi dada esta ordenação e já podemos apreciar os seus efeitos. Desde o seu aparecimento, mais de vinte cartas nos foram enviadas da Argélia, todas confirmando os resultados previstos. Veremos o que há no próximo número.

## Exemplos da Ação Moralizadora do Espiritismo

Chamamos a atenção dos que pretendem que, sem o temor das penas eternas, a Humanidade não teria mais freio, e que a negação do inferno eternamente *peçoal* abre caminho a todas as desordens e a todas as imoralidades. É o que nos mostram as três cartas que se seguem:

“Montreuil, 23 de agosto de 1863.

“Em março último eu ainda era o que se pode chamar, com toda a força do termo, ateu e materialista. Não poupava o chefe do grupo espírita de nossa pequena cidade, meu parente, de

piadas e sarcasmos; até lhe aconselhava o manicômio, mas ele opunha às minhas zombarias uma paciência estoíca.

“Na mesma época, durante a quaresma, um pregador falou do púlpito contra o Espiritismo. A circunstância excitou-me a curiosidade, pois não via bem o que a Igreja poderia ter a ver com o Espiritismo. Então me propus à leitura do livrinho *O que é o Espiritismo?* prometendo a mim mesmo não ceder tão facilmente quanto o haviam feito certos materialistas conversos e armei-me com todas as peças, persuadido de que nada poderia destruir a força de meus argumentos e não duvidando de modo algum de uma vitória completa.

“Mas, ó prodígio! ainda não havia chegado à quinquagésima página e já reconhecia a nulidade de minha pobre bateria *argumental*. Durante alguns minutos fiquei como que iluminado; uma súbita revolução operou-se em mim, e eis o que escrevia a meu irmão em 18 de junho:

“Sim, como dizes, minha conversão foi providencial; é a Deus que devo este sinal de grande benevolência. Sim, creio em Deus, em minha alma, em sua imortalidade após a morte. Antes disso tinha como filosofia uma certa firmeza de espírito, pela qual me punha acima das tribulações e dos acidentes da vida, mas me dobrei diante das numerosas torturas morais que me haviam infligido os pretensos amigos. A amargura de tais lembranças envenenou-me o coração. Ruminava mil projetos de vingança e, se não temesse para mim e para os meus a maldição pública, talvez tivesse dado a tais projetos uma funesta execução. Mas Deus me salvou. O Espiritismo levou-me prontamente a crer nas verdades fundamentais da religião, das quais a Igreja me havia afastado pelo quadro terrível das chamas eternas e por querer impor como artigos de fé dogmas que se acham em manifesta contradição com os atributos infinitos de Deus. Ainda me lembro do pavor que experimentei em 1814, aos sete anos de idade, quando da leitura desta passagem dos Pensamentos cristãos: “*E quando um danado*

*tiver sofrido tantos anos quantos são os átomos no ar, as folhas nas florestas e os grãos de areia das praias do mar, tudo isto será contado como nada!!!* E é a Igreja que ousa proferir semelhante blasfêmia! Que Deus lhe perdoe por isto!”

“Continuo minha carta, caro Eugênio, deixando à Igreja a propriedade do império infernal, sobre a qual nada tenho a reivindicar.

“A idéia que houvera feito de minha alma foi substituída pela dada pelos Espíritos. A pluralidade dos mundos, como a pluralidade das existências, não mais sendo postas em dúvida por mim, causam-me agora uma satisfação moral indefinível. A perspectiva do nada, frio e lúgubre, outrora me gelava o sangue nas veias; hoje me vejo, por antecipação, habitando um desses mundos mais adiantados moral, intelectual e fisicamente que o nosso planeta, enquanto aguardo chegar ao estado de Espírito puro.

“Para gozar dos benefícios de Deus e deles tornar-me digno, perdoei prontamente aos meus inimigos, àqueles que me fizeram sofrer intensas torturas morais, a todos enfim que me ofenderam e abjurei todo pensamento de vingança. Diariamente agradeço a Deus a alta benevolência que me testemunhou, fazendo-me sair de modo tão rápido do mau caminho onde me haviam lançado o ateísmo e o materialismo, e lhe peço que conceda o mesmo favor a todos os que, como eu, dele duvidaram e o negaram. Também lhe peço fazer que minha esposa, meus filhos, meu próximo, os parentes, os amigos e os inimigos, igualmente desfrutem das doçuras do Espiritismo. Enfim, peço por todos, por todas as almas sofredoras, para que Deus lhes deixe entrever que a sua bondade infinita não lhes fechou a porta do arrependimento. Também peço a Deus o perdão de minhas faltas e a graça de praticar a caridade em toda a sua amplitude.

“Encontro-me agora num estado de perfeita calma e de tranqüilidade quanto ao futuro. A idéia da morte não mais me

apavora, porque tenho a convicção inabalável de que minha alma sobreviverá ao corpo, e uma fé integral na vida futura. Contudo, um só pensamento me faz mal: o de abandonar na Terra seres que me são tão caros, com receio de os ver infelizes. Ah! este medo que comporta sua dor é muito natural, em virtude do egoísmo de que se acha impregnada a maior parte do nosso pobre mundo. Mas Deus me compreende; ele sabe que deposito toda a minha confiança inteiramente nele. Já experimentei a felicidade de rever nossa cara Laura em dezembro último, alguns dias depois de sua morte. Certamente é um efeito antecipado de sua bondade para comigo.

“Depois da data desta carta, meu caro senhor, meu bem-estar aumentou. Outrora, a menor contrariedade me irritava; hoje, minha paciência é realmente notável; sucedeu à violência e à exaltação. A vitória que ela conquistou nestes dias, numa prova deveras rude, vem em apoio à minha asserção. Por certo assim não teria sido em março último. É, sobretudo, em tais circunstâncias que a Doutrina Espírita exerce a sua salutar influência. Os que a criticam, a dizem cheia de seduções e não creio atenuar esse belo elogio achando-a cheia de delícias.

“Minha volta à religião causou aqui uma surpresa muito grande, porquanto, até então, eu ostentava o mais desenfreado materialismo. Por uma consequência muito lógica sou, por minha vez, vítima de zombarias e sarcasmos, que não me incomodam, pois, como dizeis muito judiciosamente, tudo isto resvala sobre o verdadeiro espírita, como a água sobre o mármore.

“Meu caro senhor, vou terminar minha carta, cuja prolixidade vos faria perder um tempo precioso. Aceitai a expressão de minha viva gratidão pela satisfação moral, a esperança consoladora e o bem-estar que me proporcionastes. Continuai vossa santa missão: Deus vos abençoou, senhor!”

**Roussel** (*Adolphe*)

*Escrevente juramentado, antigo agente oficial de leilões*

“P. S. No interesse do Espiritismo, podeis fazer desta carta, no todo ou em parte, o uso que bem entenderdes.”

*Observação* – Já publicamos várias cartas desta natureza, mas seriam necessários volumes e mais volumes para publicar todas as que recebemos no mesmo sentido e, fato não menos notável, é que em sua maioria vêm de pessoas que nos são inteiramente estranhas e não foram provocadas por nenhuma outra influência senão o ascendente da doutrina.

Eis, pois, um desses homens que são excomungados pelo bispo de Argel; um homem que, sem a Doutrina Espírita, teria morrido no ateísmo e no materialismo; que, caso se apresentasse para receber os sacramentos da Igreja, seria impiedosamente repellido. Então quem o trouxe a Deus? O temor das penas eternas? Não, porquanto foi justamente a teoria de tais penas que dela o haviam afastado. Quem, pois, teve o poder de acalmar a sua exaltação e dele fazer um homem meigo e inofensivo? de o fazer abjurar idéias de vingança para perdoar aos inimigos? Só o Espiritismo, porque nele hauriu uma fé inabalável no futuro; foi esta doutrina que quereis extirpar de vossa diocese onde, por certo, se acham muitas criaturas na mesma situação e que, em vossa opinião, é uma chaga vergonhosa para a colônia. A quem convencerão que teria sido melhor para esse homem ficar onde estava? Se se objetasse que é uma exceção, responderíamos com milhares de exemplos semelhantes; e, ainda que fosse uma exceção, redargüiríamos pela parábola das cem ovelhas, das quais uma se extraviou, levando o pastor a correr à sua procura. Recusando-lhe o Espiritismo, que lhe teríeis dado em troca, para operar naquele homem semelhante transformação? Sempre a perspectiva da danação eterna, a única, segundo imaginais, capaz de erradicar a desordem e a imoralidade. Enfim, quem o levou a estudar o Espiritismo? Uma camarilha de espíritas? Não, já que deles fugia; foi um sermão pregado contra o Espiritismo. Por que, então, foi convertido pelo Espiritismo e não pelo sermão? É que,

aparentemente, os argumentos do Espiritismo eram mais convincentes que os do sermão. Assim tem sido com todas as pregações análogas; assim será com a ordenação episcopal de Argel que, predizemos, terá um resultado completamente diverso daquele que esperam.

Ao autor desta carta diremos: “Irmão, esta espécie de confissão, que fazeis diante dos homens, é um grande ato de humildade; jamais há vergonha, mas grandeza, em reconhecer que se enganou e confessar os seus erros. Deus ama os humildes, pois é a eles que pertence o reino dos céus.”

A carta seguinte é exemplo não menos admirável dos milagres que o Espiritismo pode operar nas consciências; e, aqui, o resultado é ainda mais notável, pois não se trata de um homem do mundo, vivendo num meio esclarecido, cujas más inclinações podem ser contidas, se não pelo medo da vida futura, ao menos pelo da opinião, mas de um homem ferido pela justiça, de um condenado à reclusão numa penitenciária.

“Senhor,

“Tive a satisfação de ler, de estudar algumas de vossas excelentes obras tratando do Espiritismo, e o efeito desta leitura foi tal sobre o meu ser que julguei por bem me entreter convosco sobre o assunto; mas, para que bem possais compreender-me, creio ser necessário dar-vos a conhecer as circunstâncias em que me acho colocado.

“Tenho a infelicidade de ter sido condenado a seis anos de reclusão, justa conseqüência de minha conduta passada. Assim, não tenho direito de me queixar e, se o relato, é a bem da ordem.

“Há apenas um mês eu me julgava perdido para sempre. Por que hoje penso o contrário e por que a esperança inunda de luz o meu coração? Não será porque o Espiritismo,

desvendando-me a sublimidade de suas máximas, fez-me compreender que os bens terrenos nada valem? que a verdadeira felicidade só existe para os que praticam as virtudes ensinadas por Jesus-Cristo, virtudes que nos aproximam de Deus, nosso pai comum? Não será, também, porque, apesar de caído num estado de abjeção, não obstante desacreditado pela sociedade, posso esperar reabilitar-me de algum modo e, deste ponto de vista, preparar minha alma para uma vida melhor pela prática das virtudes e meu amor a Deus e ao próximo?

“Não sei se são bem estas as verdadeiras causas da mudança que em mim se operou; mas o que sei é que em todo o meu ser se passa algo que não posso definir. Estou com melhores disposições em face dos infelizes que, como eu, estão colocados sob a palmatória da sociedade. Tenho certa autoridade sobre uma centena deles e estou bem decidido a não usá-la senão para o bem. Minha posição moral parece-me menos penosa; considero meus sofrimentos como uma justa expiação e esta idéia me ajuda a suportá-la. Enfim, não é mais com sentimentos de ódio que considero a sociedade; rendo-lhe a justiça que lhe é devida.

“Tenho certeza de que são estas as causas que reagiram sobre o meu espírito e que, no futuro, farão de mim – acalento essa doce esperança – um homem amante e servo de Deus e do próximo, praticando a caridade e seus deveres. E a quem deverei render graças por esta feliz metamorfose, que de um homem mau terá feito um homem amante da virtude? Primeiramente a Deus, a quem devemos tudo referir, e em seguida aos vossos excelentes escritos. Assim, senhor, permiti vo-lo diga, esta carta tem por objetivo vos assegurar toda a minha gratidão.

“Mas por que minha educação espírita deve ficar inacabada? Sem dúvida Deus assim o quer; que se faça a sua vontade! Não vos deixarei ignorar, senhor, o nome da excelente criatura a quem devo o que sei agora: é o Sr. Benoît, que, tendo



notado em mim um desejo de reparar o meu passado, houve por bem iniciar-me na Doutrina Espírita; infelizmente vou perdê-lo, pois sua nova posição não mais lhe permitirá que me venha ver. É uma grande desdita para mim e não vo-la oculto, porque aos conselhos ele juntava o exemplo. Também ele deve o seu progresso à doutrina. Dizia-me: ‘Até que tivesse sido esclarecido pelo Espiritismo, tão logo terminava minha refeição ia para o café e lá, muitas vezes, não só me esquecia dos deveres para com a minha pequena família, mas ainda para com o meu patrão. O tempo que assim passava hoje emprego na leitura de livros espíritas, leitura que faço em voz alta, para que minha família também aproveite. E crede-me, acrescentava o Sr. Benoît, isto vale mais, é o começo da verdadeira, da única felicidade.’

“Peço-vos perdoeis a minha temeridade e, sobretudo, a extensão desta carta, e crede-me, etc.”

*D...*

Esse Sr. Benoît é um simples operário. Tinha sido instruído no Espiritismo por uma senhora da cidade, da qual havia falado ao prisioneiro. Este último, antes da partida de seu instrutor, a ela enviou a seguinte carta:

“Senhora,

“Por certo é grande temeridade de minha parte ousar vos dirigir estas linhas, mas conto com a vossa bondade para ser perdoado, principalmente em razão das causas que me levam a agir. Primeiro, tenho de vos agradecer, senhora, mas agradecer do mais profundo do coração, de toda a minha alma, pelo bem que me fizestes, permitindo que o Sr. Bennoît me instrísse no Espiritismo, esta sublime doutrina chamada a regenerar o mundo, e que tão bem sabe demonstrar ao homem o que deve a Deus, à família, à sociedade, a si mesmo; que, provando que nem tudo se

acaba nesta vida, o estimula e lhe dá meios de se preparar uma outra vida. Creio ter aproveitado os úteis ensinamentos que recebi, porque experimento um sentimento que me deixa com melhores disposições para com os meus semelhantes e me faz ter sempre o pensamento voltado para o céu. É um começo de fé? Eu o espero. Infelizmente o Sr. Benoît vai partir e, com ele, a esperança de me instruir.

“Sei que sois bondosa, que tendes pensado em continuar a me dar os meios de me esclarecer; eu vos suplico de joelhos que continueis a obra começada; ela vos será contada por Deus, pois tendes a esperança de fazer de um infeliz perdido nos vícios do mundo um homem virtuoso, um homem digno deste nome, de sua família e da sociedade. Esperando o dia em que, livre, poderei dar minhas provas, eu vos bendirei como meu Espírito nesta Terra; eu vos associarei às minhas preces e dia virá em que também poderei ensinar à minha família a vos bendizer, a vos venerar, pois lhe tereis devolvido um filho, um irmão honesto. É impossível ser de outra forma quando se serve a Deus sinceramente. Concluo, pois, senhora, pedindo que sejais, na Terra, meu Espírito bom e que me dirijais no bom caminho. O que fizerdes será contado como uma boa obra. Quanto a mim, prometo ser dócil aos vossos ensinamentos.

“Termino, etc.”

*Observação* – Simples operário, esse Sr. Benoît era um exemplo recente do efeito moralizador do Espiritismo e, por sua vez, já traz ao bom caminho uma alma transviada; devolve à família, à sociedade um homem honesto em vez de um criminoso, boa obra para a qual concorreu uma dama caridosa, desconhecida de ambos, mas animada do só desejo de fazer o bem. E tudo isto é feito na sombra, sem fausto, sem ostentação, e apenas com o testemunho da consciência.

Espíritas, eis desses milagres de que vos deveis orgulhar, que todos podeis operar e pelos quais não necessitais de nenhuma faculdade excepcional, pois basta o desejo de fazer o bem. Se o Espiritismo tem tal poder sobre as almas corrompidas, que não se deve esperar para a regeneração da Humanidade, quando se tiver convertido em crença comum e cada um o empregar em sua esfera de ação!

Vós todos que atirais pedras contra o Espiritismo e dizeis que ele enche as casas de alienados, dai, pois, em seu lugar algo que produza mais do que ele. Pelo fruto se conhece a qualidade da árvore. Julgai, pois, o Espiritismo pelos seus frutos e tratai de os produzir melhores; então sereis seguidos. Mais alguns anos e vereis muitos outros prodígios; não sinais no céu para ferir os olhos, como pediam os fariseus, mas prodígios no coração dos homens, dos quais o maior será fechar a boca dos detratores e abrir os olhos aos cegos, pois é preciso que se cumpram as predições do Cristo, e todas elas se cumprirão.

## Novo Sucesso do Espírito de Carcassonne

O Espírito batedor de Carcassonne mantém sua reputação e prova, pelo sucesso que obtém nos diversos concursos em que se apresenta como candidato, o mérito incontestável de suas excelentes fábulas e poesias. Depois de haver conquistado o primeiro prêmio, a Rosa silvestre de ouro, na Academia dos Jogos Florais de Toulouse, acaba de obter uma medalha de bronze no concurso de Nîmes. O *Courrier de l'Aude* diz a respeito: “Esta distinção é tanto mais lisonjeira quando o concurso não se restringia às fábulas e poesias, mas abarcava todas as obras literárias.”

Por certo esse novo triunfo pressagia outros, para o futuro, pois é provável que esse Espírito continue por lá. Decididamente ele vem a tornar-se um temível concorrente. Que dirão os incrédulos? O que já disseram quando do sucesso de Toulouse: que o Sr. Joubert é um poeta que tem a fantasia de se esconder sob o manto de um Espírito. Mas os que conhecem o Sr. Joubert sabem que ele não é poeta; e ainda que o fosse, o modo de obtenção pela tiptologia, em presença de testemunhas, afasta qualquer dúvida, a menos que se suponha que ele se oculte, não sob a mesa, mas na mesa. Seja como for, fatos desta natureza não podem deixar de chamar a atenção de pessoas sérias e de apressar o momento em que as relações entre os mundos visível e invisível serão admitidas como uma das leis da Natureza. Reconhecida esta lei, a filosofia e a ciência entrarão necessariamente numa nova via. A Providência, que quer o triunfo do Espiritismo, porque o Espiritismo é uma das grandes etapas do progresso humano, emprega diversos meios para fazê-lo penetrar no espírito das massas, meios apropriados aos gostos e às disposições de cada um, visto como aquilo que convence a uns, não convence a outros. Aqui são os sucessos acadêmicos de um Espírito poeta; ali são fenômenos tangíveis provocados ou manifestações espontâneas; acolá são efeitos puramente morais; depois, curas que outrora teriam passado por miraculosas, confundindo a ciência vulgar; produções artísticas por pessoas estranhas às artes. Há os casos de obsessão e de subjugação que, provando a impotência da Ciência nessas espécies de afecções, levarão os sábios a reconhecer uma ação extramaterial. Finalmente, temos necessidade de acrescentar que os adversários da idéia espírita são, nas mãos da Providência, um dos mais poderosos meios de vulgarização? porque é bastante evidente que sem a repercussão de seus ataques, o Espiritismo estaria menos espalhado do que está. Deus, em os convencendo de sua impotência, quis que eles próprios servissem ao seu triunfo. (Vide a *Revista* de junho de 1863).

# Pluralidade das Existências e dos Mundos Habitados

PELO DR. GELPKE

Devemos à gentileza de um dos nossos correspondentes de Bordeaux a interessante passagem que se segue, extraída de uma obra intitulada: *Exposição da grandeza da criação universal*, pelo Dr. *Gelpke*, publicada em Leipzig em 1817.

“...Se, pois, a construção de todos os mundos que brilham acima de nós pudesse ser submetida ao nosso exame, de que admiração não seríamos tomados, vendo a diversidade desses globos, cada um dos quais organizado de modo diverso do seu mais próximo vizinho na ordem da criação! E, como já disse, sendo incalculável o número dos mundos, sua construção também deve ser infinitamente diferente.

“Além disso, como de cada mundo depende a organização dos seres que o habitam, estes devem, tanto interna como externamente, diferir essencialmente em cada globo. Agora, se considerarmos a multiplicidade e a imensa variedade das criaturas em nossa Terra, onde nem mesmo uma folha se assemelha a outra, e se admitirmos uma tão grande variedade de criaturas em cada mundo, quão prodigiosa nos parecerá a multidão no incomensurável reino de Deus!

“Qual não será, pois, um dia, a plenitude de nossa felicidade, quando, *sob invólucros sempre mais perfeitos*, penetrarmos sucessivamente mais à frente os mistérios da criação e encontrarmos mundos sem-fim, povoando um espaço sem-fim! Então, quanto Deus não nos parecerá ainda mais adorável, ele que tirou tudo isso do nada, ele cuja bondade sem limites criou tudo isto apenas para a satisfação dos seres vivos e cuja sabedoria ordenou isto tudo de maneira tão admirável!

“Mas nossa residência e nossa conformação atuais podem proporcionar-nos tal felicidade? Para isto não necessitamos de outra morada, que nos coloque mais cedo no domínio da criação, e de um envoltório muito mais sutil e mais perfeito, que não entrave o nosso Espírito em seus progressos para a perfeição, e por meio do qual ele poderá ver, sem auxílio, no todo universal, muito além do que o podemos daqui com os nossos melhores instrumentos?”

“Mas por que o Criador não nos daria, *após vários degraus de existência*, um envoltório que, semelhante ao relâmpago, pudesse elevar-se de mundos a mundos, permitindo-nos, assim, olhar tudo de mais perto e, ao mesmo tempo, abarcar melhor o conjunto pelo pensamento? Quem ousaria duvidá-lo, quando vemos a brilhante borboleta nascer da lagarta, e á arvore deslumbrante de flores provir de um caroço! Se Deus assim desenvolve pouco a pouco a lagarta e no-la mostra esplendidamente transformada, se também desenvolve o germe por graus, quanto não nos fará progredir a nós homens, reis da Terra, e avançar na Criação!”

Pluralidade dos mundos habitados, pluralidade das existências, perispírito, progresso contínuo e infinito da alma, tudo está aí.

## Dissertações Espíritas

A NOVA TORRE DE BABEL

(Sociedade de Paris, 6 de fevereiro de 1863 – Médiun: Sra. Costel)

O Espiritismo é o Cristianismo da idade moderna; deve restituir às tradições o seu sentido espiritualista. Outrora o Espírito se fazia carne; hoje a carne se faz Espírito para desenvolver a idéia gigantesca que deve renovar a face do mundo. Mas à festa da criação espírita sucederão a perturbação e o orgulho dos diversos

sistemas que, desprezando sábios ensinamentos, levantarão uma nova torre de Babel, obra de confusão, logo reduzida a nada, porque as obras do passado são o penhor do futuro e nada se dissipa do tesouro de experiências amontoadas pelos séculos. Espíritas, formai uma tribo intelectual; segui vossos guias mais docilmente do que fizeram os hebreus; nós também vimos livrar-vos do jugo dos filisteus e vos conduzir à Terra Prometida. Às trevas das primeiras idades sucederá a aurora e ficareis maravilhados ao compreender a lenta reflexão das idades anteriores sobre o presente. As lendas renascerão enérgicas como a realidade e adquirireis a prova da admirável unidade, garantia da aliança contraída por Deus com as suas criaturas.

*São Luís*

### O VERDADEIRO ESPÍRITO DAS TRADIÇÕES

(Sétif, Argélia, 15 de outubro de 1863)

Abri as Escrituras Sagradas e a cada página encontrareis predições ou alegorias incompreensíveis para quem quer que não esteja ao corrente das revelações novas e que, para a maioria, foram interpretadas por seus comentadores de acordo com a opinião que professavam e, muitas vezes, com o seu próprio interesse. Mas tomando como guia a ciência que começastes a adquirir, podereis facilmente descobrir o sentido oculto que elas encerram.

Os antigos profetas eram todos inspirados por Espíritos elevados, mas que só lhes davam, em suas revelações, ensinamentos que só eram compreendidos por inteligências de escol, e cujo sentido não estivesse em oposição muito patente com o estado dos conhecimentos e dos preconceitos daquele tempo. Era necessário que fosse possível interpretá-los de maneira apropriada à inteligência das massas, para que estas não as rejeitassem, como não teriam deixado de fazer se essas predições estivessem em frontal oposição com as idéias gerais.